

Jorge Himitian

O REINO DOS CÉUS NA TERRA:

**A Igreja como instrumento da voz de Deus nas questões relacionadas
com a justiça social**

INTRODUÇÃO

Darrow Miller, e na introdução do seu livro *Reformulação da Justiça Social* (Editora JUCUM), afirma:

Vivemos tempos de riqueza no Ocidente, que contrastam com uma pobreza intolerável. A injustiça e a corrupção continuam a paralisar nações e a maioria da população mundial sofre as consequências.

Num mundo de abundância, capaz de produzir alimentos suficientes para todos, 25 mil pessoas morrem diariamente de fome. A maioria são crianças.

Destruímos o ambiente como se a sua única razão de existir fosse o consumo humano. O genocídio — a guerra sistemática e institucional contra as mulheres — já ceifou a vida de 200 milhões de mulheres em todo o mundo. Só na Índia, um milhão de seres humanos são assassinados todos os anos pelo simples facto de serem mulheres.

As mulheres e os bebés são reduzidos a meros objetos, ao ponto de, todos os anos, entre quarenta e cinquenta milhões de bebés serem assassinados antes de nascerem, apenas por serem um incómodo.

Estima-se que, atualmente, a nível mundial, 20,9 milhões de homens, mulheres e crianças sejam vítimas de escravatura, seja em trabalhos forçados ou no tráfico sexual.

Nos EUA, cerca de 293 000 crianças são vítimas de exploração sexual.

Mais de 50% das mulheres latino-americanas foram vítimas de violência por parte dos homens.

... Onde está a justiça? Onde está a compaixão?

Acrescento mais alguns dados atuais:

- Mil milhões de pessoas em todo o mundo vivem na pobreza
- 400 milhões de crianças vivem em extrema pobreza.
- 795 milhões de pessoas sofrem de desnutrição.
- Todos os anos, 6 milhões de crianças com menos de 5 anos morrem de desnutrição.
- 663 milhões de pessoas não têm acesso a água potável.
- Existem 781 milhões de adultos analfabetos. 65% são mulheres.

- 57 milhões de crianças não frequentam a escola.
- Quase metade da população mundial vive com menos de 75 dólares por mês.

Na imensa maioria das nações, existem a injustiça social, a pobreza estrutural, a fome, a desnutrição, o analfabetismo, o desemprego, a exploração laboral, a exploração sexual, a violência doméstica, a ideologia de género, o racismo, os abortos, desrespeito pelo ambiente e pelos recursos naturais, imigrantes forçados, campos de refugiados, distribuição injusta dos lucros, prisões desumanas, tráfico de droga, toxicodependência e insegurança. E, em alguns países, existe o flagelo do terrorismo, das guerras, dos governos totalitários, da perseguição religiosa, do armamento e outras situações semelhantes.

Bob Kennedy (assassinado em 1968, aos 42 anos) afirmou: «É inadmissível que a maioria de nós aceite como inevitáveis... a pobreza, o analfabetismo, a desnutrição, o racismo, a corrupção... A apatia é a aceitação do inaceitável.»

A Igreja tem alguma responsabilidade na transformação das nações? Faz parte da nossa missão, enquanto filhos de Deus, lutar por um mundo onde haja mais justiça e paz?

As respostas podem ser muito variadas e, em alguns casos, até contraditórias, dependendo do setor a que nos dirigirmos.

Atualmente, entre as posições moderadas sobre este tema, subsistem basicamente duas principais. Ambas as posições afirmam que sim, que a igreja tem responsabilidade na transformação das nações. No entanto, uma defende que a sua ação deve ser indireta. A outra afirma que a igreja deve incluir na sua missão integral uma ação direta para a transformação das nações.

Aqueles que defendem que a contribuição da Igreja deve ser feita de forma indireta não aceitam qualquer participação da Igreja ou dos cristãos na política ou nas diferentes áreas do governo. A contribuição feita de forma indireta consistiria em pregar o Evangelho, fazer discípulos, fundar igrejas, realizar obras de misericórdia e enviar missionários a todas as nações; e, como resultado do grande crescimento numérico da Igreja nas nações e do discipulado, ocorreriam transformações na sociedade.

Aqueles que acreditam que a Igreja deve estar — não como instituição, mas através dos seus membros — envolvida em todas as áreas da sociedade: política, economia, justiça, legislação, governo, educação, ciências, artes, comunicações, saúde, trabalho, desporto, entretenimento, etc., defendem que o amor ao próximo não se limita a praticar a bondade e a justiça apenas a nível pessoal, mas também a nível comunitário, social e nacional, com o objetivo de promover o bem-estar integral de todos os habitantes da nação e do mundo.

Pessoalmente, considero que as posições A e B não são mutuamente exclusivas. Se avançarmos com a sabedoria de Deus e aprendendo com os erros e acertos que a história da

Igreja nos ensina ao longo dos seus 2 000 anos, creio que é possível harmonizar ambas as posições, pois entendo que são complementares.

O QUE ENCOMPRA O REINO DE DEUS E A SUA JUSTIÇA?

- Deus é o Criador e Senhor de tudo o que foi criado (Génesis 1 e 2). Por direito inerente, tudo o que existe pertence-Lhe. (Salmos 24,1)
- Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Isto significa que todos os homens são valiosos e merecem ser tratados de forma justa e respeitosa em todos os âmbitos da sociedade.
- Deus é bom e deseja o «shalom» temporal e eterno para todos os habitantes da Terra.
- Deus, ao criar-nos à sua imagem e semelhança, concedeu-nos dignidade, valor e espiritualidade para nos relacionarmos com Ele. Concedeu-nos capacidades potenciais que nos permitem desenvolver-nos: trabalhar, plantar e colher, imaginar, fazer projetos, construir, inventar. Fez de nós seres sociais, gregários. Deu-nos a capacidade de falar, comunicar-nos e compreender-nos. Deu-nos a capacidade de nos reproduzirmos, casarmos, termos filhos, formarmos uma família, crescermos e multiplicarmo-nos, termos amigos, formarmos uma comunidade, uma nação, nações, encher a terra e governá-la. Deu-nos diversas aptidões para aprender, adquirir conhecimento, competências, criar cultura e servir os nossos semelhantes. Deu-nos a capacidade de ensinar, de transmitir conhecimentos, competências, ofícios e profissões; para que todos possamos desenvolver-nos e nos tornemos uma sociedade saudável, na qual reinem o amor, a justiça e a paz. Deus é amor, é justo e é um Deus de paz, e deseja que haja amor, justiça e paz entre todos os habitantes da terra.
- O pecado arruinou a imagem de Deus em nós e desvirtuou o belo projeto do Senhor para a humanidade. A ambição pessoal, a ganância, o egoísmo e a soberba do coração humano geraram ódio, guerras, desigualdades, crimes, roubos, escravatura e todo o tipo de injustiças. Foram criados sistemas perversos e injustos a nível social, institucional ou nacional. Foram criadas estruturas de poder, acumulação de riquezas, exploração laboral, governos e juízes corruptos, governos totalitários, leis económicas que favorecem os mais poderosos, apropriação ilegítima de terras e de recursos naturais, sem igualdade de direitos, mergulhando na miséria a maioria dos habitantes do mundo. Deus colocou no planeta Terra recursos que, se fossem bem trabalhados e administrados, proporcionariam alimento e bem-estar suficientes para todos. O mercado, a oferta e a procura, bem como o capital, foram deificados; a economia foi estruturada ao serviço de uns poucos, em detrimento da grande maioria trabalhadora que produz essas riquezas.

- Embora nós, seres humanos, pequemos e abandonemos Deus, Ele nunca se afastou da humanidade, nem das nações.
- Os profetas denunciaram repetidamente a injustiça, a corrupção e o suborno.

«Os vossos príncipes, corruptos e cúmplices de ladrões; todos adoram o suborno e correm atrás de recompensas...», (Isaías 1,23).

«Ai daqueles que promulgam leis injustas e impõem a tirania...!» (Isaías 10,1).

«Ouçam isto, vós que explorais os necessitados e arruinais os pobres da terra, dizendo: “Quando passará o mês para que possamos vender o trigo; e a semana, para abrímos os celeiros de pão, reduzirmos a medida, aumentarmos o preço e falsificarmos a balança com engano, a fim de comprarmos os pobres com dinheiro e os necessitados por um par de sapatos, e vendermos os resíduos do trigo?” (Amós 8,4)

E exortaram os governadores e o povo ao arrependimento.

«Deixem de praticar o mal; aprendam a praticar o bem, procurem a justiça, restituam ao que foi lesado, façam justiça ao órfão, protejam a viúva... (Isaías 1,17).»

A quem é que São Tiago dirige estas palavras na sua epístola? (Espero que seja ao mundo e não à Igreja).

Ouçam isto, vocês, os ricos! Chorem e gritem pelas desgraças que vão sofrer! As vossas riquezas estão podres; as vossas roupas, comidas pela traça. O vosso ouro e a vossa prata ficaram enferrujados, e essa ferrugem será uma prova contra vós e destruir-vos-á como o fogo. Acumularam riquezas nestes dias, que são os últimos. O salário que não pagaram aos homens que trabalharam na vossa colheita clama contra vós; e o Senhor Todo-Poderoso ouviu a queixa desses trabalhadores. Aqui na terra, vocês têm levado uma vida de luxo e prazeres, engordando como gado, e já se aproxima o dia do abate! Vocês condenaram e mataram os inocentes sem que estes opusessem resistência. (Tiago 5,1-6)

Jesus, logo no início do seu ministério, disse aos seus discípulos — homens simples e pouco instruídos — palavras cujo significado, naquela altura, era muito difícil de compreender em toda a sua dimensão:

«Vocês são o sal da terra... Vocês são a luz do mundo...»
(Mateus 5,13-14).

Se lhes tivesse dito: «Vocês são o sal da Galileia» ou «a luz de Israel», mesmo que soasse exagerado, talvez tivesse um pouco mais de credibilidade. Mas dizer a estes simples galileus da desprezada província do norte de um dos países mais pequenos do Império Romano que

são a luz do mundo soa quase irracional e fora de toda a probabilidade humana. Mas foi exatamente isso que lhes disse.

Além disso, nessa mesma ocasião, ao ensiná-los a orar, Ele salientou que a primeira coisa concreta que deviam pedir ao Pai todos os dias era que viesse o Seu reino, que a Sua vontade fosse feita na terra como no céu (Mateus 6,10). Não apenas na igreja, mas na terra. Isto significa que deviam orar para que a Sua vontade se fizesse em todas as nações da terra, assim como se faz no céu. Jesus nunca pediria aos seus discípulos que orassem diariamente por algo impossível de realizar.

A força motriz do ministério de Jesus foi a compaixão. Isto significa que Ele se preocupava com o sofrimento e a dor dos seus semelhantes, ao ponto de se negar a si mesmo e consagrar a sua vida a servir, a consolar e a ajudar aqueles que sofriam; tanto para lhes proporcionar a salvação eterna como o seu bem-estar físico e temporal. Não se limitou a ensinar e a pregar, mas também a curar, a alimentar e a libertar. Pedro, ao pregar sobre Jesus, diz: «...*andou fazendo o bem...*» (Atos 10,38).

A sua preocupação com os pobres, os desprezados e os marginalizados era evidente. Em várias ocasiões, ensinou e ordenou aos que possuíam riquezas que dessem aos pobres. Disse ao jovem rico: «*Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e segue-me*». Zaqueu comprometeu-se a devolver tudo o que tinha roubado e a dar metade dos seus bens aos pobres.

Jesus foi muito claro ao ensinar que o maior mandamento é amar a Deus e, em segundo lugar, amar o próximo como a si mesmo. Não se limitou a dizer que é preciso amar o irmão, mas sim o próximo e até mesmo o inimigo.

Ele disse aos seus discípulos: «*Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus*» (Mateus 5,16).

Após a grandiosa obra da redenção, a sua morte e a sua gloriosa ressurreição, Jesus reuniu-se com os seus discípulos para lhes dizer que lhe tinha sido dada toda a autoridade no céu e na terra, razão pela qual os enviou para fazer discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a viver de acordo com a vontade de Deus.

O reino de Deus e a sua justiça é a justiça que advém do estabelecimento do reino de Deus, do senhorio de Cristo, numa pessoa, numa família ou numa comunidade. A comunidade de discípulos, como sal e luz, exerce uma influência poderosa sobre a sociedade e a nação em que se encontra. Essa influência é exercida de duas formas: (1) Ao evangelizar e conseguir a conversão de muitos dos seus concidadãos em discípulos de Cristo. (2) Ao estar «misturada», envolvida e comprometida, como fermento na massa, em todas as áreas da sociedade, para a ir transformando a partir dos valores do reino de Deus, de modo a que se torne uma nação onde haja cada vez mais justiça e fraternidade.

Outro recurso poderoso é aquele que encontramos nas palavras de Paulo, em 1.^a Timóteo (2,1-2): «*Exorto, antes de mais nada, a que se façam súplicas, orações, petições e ações de*

graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que ocupam cargos de autoridade, para que vivamos tranquilamente e com serenidade, com toda a piedade e honestidade».

ALGUNS DADOS HISTÓRICOS

As primeiras comunidades de discípulos compreenderam muito bem a doutrina de Jesus. As primeiras páginas do livro dos Atos dos Apóstolos mostram-nos que amar a Deus e amar o próximo são duas faces da mesma moeda. Os pobres, as viúvas e os necessitados viam as suas necessidades quotidianas atendidas.

Bob Moffitt, no seu livro «SE JESUS FOSSE PRESIDENTE DA CÂMARA» (Cap. 3), escreve:

«Ao longo da história, a Igreja entendeu, de um modo geral, que a transformação social e cultural fazia parte da sua missão. (p. 39).

Resumo alguns conceitos expressos por Moffitt.

Entrou no Império Romano uma visão até então desconhecida de um Deus que é amor e que ensina a amar o próximo. Que um senhor cristão deve reconhecer o seu escravo como «irmão». Que ser misericordioso é uma virtude e não uma fraqueza. Que o marido deve amar a sua esposa como a si mesmo. Os cristãos rejeitavam a prática do aborto e do infanticídio, que era amplamente praticada no Império Romano. Em tempos de grandes epidemias, quando até os médicos fugiam dos doentes, os únicos que se ocupavam de cuidar deles eram os cristãos.

E, apesar do declínio que se abateu sobre a Igreja enquanto instituição ao unir-se ao Estado no século IV, o evangelho de Cristo foi transformando gradualmente a cultura da Europa, estabelecendo costumes inspirados na fé cristã. Seria demorado enumerar os homens que, nos séculos seguintes, influenciaram a construção de uma cosmovisão e de uma cultura basicamente «cristã» na Europa.

Bob Moffitt descreve-o da seguinte forma:

A Igreja levava a cabo ações de caridade destinadas a ajudar os desempregados, os órfãos, as viúvas, os feridos, os doentes, os viajantes, as vítimas de catástrofes e os pobres da comunidade. O cuidado com os pobres era uma preocupação constante entre figuras como São Tomás, Inácio de Loyola, São Patrício e São Francisco de Assis. (id. p. 46)

...

Deus utilizou a Igreja e a Reforma protestante para transformar as sociedades na Suíça, na Alemanha e na Holanda. ... Embora Lutero acreditasse que as boas obras

não podiam expiar o pecado, isso não tornava menos pesada a responsabilidade do cristão de cuidar dos pobres ou de influenciar o mundo. (p. 48)

...

João Calvino via a igreja como uma pequena sociedade dentro de uma sociedade maior, como um embrião daquilo que representava uma nova e completa ordem mundial. ... Quando, no ano de 1550, 60 000 refugiados, vindos de França, inundaram Genebra, Calvino fundou um ministério privado com base na Igreja, que se tornou um modelo em toda a Europa. Este ministério atendia a um vasto leque de necessidades, prestando assistência aos doentes, aos órfãos, aos idosos, às pessoas com deficiência e aos doentes terminais. A ajuda estava ligada à ética do trabalho. Os diáconos eram formados para encontrar soluções a longo prazo para a pobreza (requalificação profissional, alojamento temporário, ferramentas para iniciar um novo negócio); e para discernir entre o pobre que merecia ajuda e aquele que não a merecia. (pág. 48-49)

John Stott, no seu livro *A fé cristã perante os desafios contemporâneos* (*Involvement: Being a Responsible Christian in a Non-Christian Society*), afirma: (pág. 23-25)

*John Wesley continua a ser o exemplo mais notável... A mudança que se verificou na Grã-Bretanha durante esse período está bem documentada no excelente livro de J. Wesley Bready, *England Before and After Wesley*, cujo capítulo se intitula «O avivamento evangélico e a reforma social»... Bready descreve no seu livro a profunda barbárie que marcou grande parte do século XVIII, caracterizada por:*

«A tortura de animais por diversão. A embriaguez brutal do povo, o tráfico desumano de africanos, a captura de compatriotas para exportação e venda como escravos, a mortalidade infantil nos asilos, a obsessão generalizada pelas apostas, a crueldade do sistema prisional e do código penal, o caos moral, a prostituição... o suborno e a corrupção política... a falsidade e a degradação que reinam na Igreja e no Estado...

Posteriormente, a situação foi mudando. No século XIX, a escravatura e o tráfico de escravos foram abolidos, o sistema prisional tornou-se mais humano, as condições de trabalho nas fábricas e nas minas melhoraram, a educação passou a estar ao alcance dos pobres, começaram a organizar-se sindicatos de trabalhadores, etc., etc.

Como é que surgiu esse movimento em direção à humanização, essa paixão pela justiça social e essa sensibilidade perante as injustiças humanas? Existe uma resposta que se coaduna com a verdade histórica inabalável. Derivou de uma nova consciência social. E embora, como se admite, essa consciência social tenha tido diversas causas, a sua fonte principal foi o renascimento evangélico do cristianismo prático e vital, um evangelho que revelou os postulados centrais da ética do Novo Testamento, tornou realidade a paternidade de Deus, e a fraternidade entre os homens, destacou a prioridade da pessoa em detrimento dos bens materiais e guiou o coração, a alma e a mente para o estabelecimento do Reino da Justiça na terra ... Contribuiu para a transfiguração do caráter moral do povo em geral, mais do que qualquer outro movimento registado na história britânica. [Wesley] foi o homem que devolveu a alma a uma nação.

John Stott continua dizendo:

Os líderes evangélicos da geração seguinte dedicaram-se com igual fervor tanto à evangelização como à ação social... e a figura inspiradora de todos eles, William Wilberforce. ... Foram apelidados de «seita de Clapham» [aldeia próxima de Londres onde vários deles viviam] ... O primeiro assunto que os reuniu foi a sua preocupação com a situação dos escravos africanos.

Resumo uma parte do que Stott relata:

Wilberforce, na qualidade de membro do Parlamento inglês, apresentou em 1787 uma primeira moção no Parlamento sobre a abolição do tráfico de escravos, que existia há três séculos. A sua moção foi rejeitada por todos. Voltou a ser debatida de dois em dois anos e, posteriormente, todos os anos, até ser aprovada em 1807, após 20 anos.

Continuou, então, a lutar pela abolição da escravatura, que foi aprovada em 1833. Após 44 anos! ... Três dias depois, William Wilberforce faleceu. O Estado teve de pagar 20 milhões de libras esterlinas aos proprietários de escravos.

Stott escreve:

Anthony Ashley Coope [foi eleito membro do Parlamento britânico em 1826, aos 25 anos de idade. Primeiro na Câmara dos Comuns e depois na Câmara dos Lordes, como sétimo conde de Shaftesbury, dedicou-se sucessivamente à situação dos doentes mentais, das crianças que trabalhavam em fábricas e moinhos, dos limpadores de chaminés, das mulheres e crianças nas minas, e das crianças nos bairros degradados, entre as quais, em Londres, mais de trinta mil não tinham lar e, em todo o país, mais de um milhão careciam de educação... A maioria dos grandes movimentos filantrópicos do século surgiu entre os evangélicos.

A mesma história pode ser contada nos Estados Unidos no século XIX...

Charles Finney estava convencido de que do Evangelho emana um poderoso impulso para a reforma social e que o abandono, por parte da Igreja, da ação social reformadora entristeceu o Espírito Santo e constituiu um obstáculo ao avivamento. É surpreendente a seguinte afirmação de Finney: «A grande missão da Igreja é a reforma do mundo»...

Os membros dos movimentos de oposição à escravatura provinham, na sua maioria, das pessoas que se tinham convertido nas campanhas evangelísticas de Finney.

Entre eles destacou-se Theodore Wedd, que dedicou toda a sua vida à luta contra a escravatura. Converteu-se através do ministério de Finney e, durante algum tempo, foi seu assistente. No entanto, não podemos considerar Wedd como o equivalente norte-americano de Wilberforce, uma vez que Wedd não foi deputado. Na verdade, a campanha contra a escravatura nos Estados Unidos foi levada a cabo não tanto por heróis da Reforma, mas por um grande número de pessoas desconhecidas, movidas por um impulso de natureza religiosa e por um espírito evangélico que teve origem no grande avivamento de 1830.

¿QUÉ NOS PASÓ?

John Stott, titula el 1º capítulo del libro que mencionamos: EL COMPROMISO SOCIAL ¿NOS CONCIERNE? Y comienza así:

Es inconcebible que los seguidores de Jesucristo alguna vez hayan tenido que preguntar si a ellos les concierne o no el compromiso social y que haya surgido una controversia sobre la relación entre evangelización y responsabilidad social. Pues es evidente que en su ministerio público Jesús recorría los lugares “enseñando... y predicando” y que “anduvo haciendo bienes y sanando”. Por lo tanto, la evangelización y la responsabilidad social han estado íntimamente relacionadas a lo largo de la historia de la iglesia.

En la mentalidad de los *evangelicales*, al cual pertenecemos la mayoría de nosotros, subyacen una teología y una escatología heredada que se podría sintetizar en dos frases: (1) El cielo es de Dios y la tierra es del diablo. (2) La inminencia de la segunda venida de Cristo.

Ambos pensamientos dominan el subconsciente colectivo de muchos evangélicos. Consecuentemente han anulado la acción de la mayoría de las iglesias y de los cristianos en cuanto a no *meterse* en los asuntos del mundo. Con esta actitud, hemos entregado las naciones a la libre acción de Satanás para que él haga lo que quiera, y nosotros nos hemos concentrado en la “salvación de las almas”.

Es fácil entender que estas dos ideas nos han bloqueado durante varias generaciones y han logrado inhibirnos en una acción y participación más decidida en la transformación de las naciones.

Por ejemplo, según encuestas seculares, en Argentina hay un 8% de evangélicos. Según este porcentaje, entre los 257 diputados nacionales deberíamos tener por lo menos 20 diputados evangélicos. ¿Saben cuántos tenemos? Uno solo. Y entre los 72 senadores una sola senadora evangélica. Esta desproporción es el resultado de tener una teología equivocada.

Consideremos la primera mentira: “El cielo es de Dios y la tierra del diablo”.

Mi Biblia, y la tuya, declara una cosa muy distinta: Salmo 24.1:

“Del Señor es la tierra y su plenitud; el mundo y los que en él habitan”.

O planeta Terra e tudo o que nele existe tem um único e legítimo dono. Todos os habitantes do mundo foram criados por Deus e para Deus. Tudo e todos pertencem ao Senhor.

Deus confiou a administração e o governo da Terra ao homem, criado à Sua imagem e semelhança. O diabo é um mentiroso e um ladrão. Quando o homem pecou, Satanás usurpou o que Deus tinha dado ao homem. Mas Cristo, com a sua morte, redimiou e resgatou tudo o que era seu. Por isso, Jesus ressuscitado declara aos seus: «Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra...»

Esta ideia de que o mundo pertence ao diabo decorre principalmente de uma interpretação errada de algumas expressões de Jesus. Em três ocasiões, Jesus referiu-se ao diabo como «*o príncipe deste mundo*» (João 12,31; 14,30 e 16,11).

A palavra *mundo* em grego é *cosmos*. No Novo Testamento, tem cinco significados diferentes: (1) Universo (Efésios 1,4). (2) Planeta Terra (Salmos 24,1; Marcos 16,15). (3) Toda a humanidade (João 3,16). (4) O que é material e temporal (Mateus 16,26; 1 Coríntios 7,33-34). (5) O sistema humano pecaminoso e diabólico de rebelião contra Deus (1 João 2,15-17).

O contexto de cada passagem torna evidente o seu significado.

Quando Jesus diz que o diabo é *o príncipe deste mundo*, está a referir-se ao sistema humano pecaminoso e diabólico, e não ao planeta Terra.

Paulo usa outra expressão para se referir ao mesmo: «*o deus deste século*» (século é *aion* em grego, e refere-se a esta era). Satanás não é o dono do planeta Terra nem dos homens. A Bíblia afirma que tudo é de Deus, por Deus e para Deus (Romanos 11,36; Colossenses 1,16). Satanás é o príncipe que lidera o movimento mundial de rebelião contra Deus. Mas já foi derrotado por Cristo na cruz.

A segunda mentira é a *iminência da segunda vinda de Cristo*. A palavra *iminência* não existe na Bíblia quando se refere à segunda vinda de Cristo. Jesus disse que ninguém sabe o dia nem a hora, a não ser o Pai. Alguns perguntam-me: «Não acreditas que Cristo virá em breve?» Eu respondo: «Sim, acredito, porque foi isso que Jesus afirmou: “*Certamente voltarei em breve*”. Mas... já passaram 2 000 anos. Quanto tempo é «*em breve*» para Deus? Perante a eternidade, 2 000 anos não são nada.»

Quando eu era jovem, os pregadores diziam-nos: «*Já, já, Cristo está para vir. Todas as profecias se cumpriram. Falta muito pouco para que o Senhor venha*».

Acho que devemos viver como se Cristo fosse voltar hoje ou daqui a 2 000 anos. A minha impressão pessoal é que ainda não vimos a melhor parte da história.

Precisamos de ter uma visão multigeracional, um projeto que aponte para os próximos 100, 200, 500 ou 1000 anos. Há muitas profecias que ainda não se cumpriram, mas todas se cumprirão.

No século I, alguns irmãos de Tessalónica não queriam trabalhar porque acreditavam que Cristo viria muito em breve. E Paulo, na sua segunda carta, entre outras coisas, diz-lhes: «Bem, quem não quiser trabalhar, também não coma.»

Voltemos à nossa pergunta: O que nos aconteceu?

John Stott (de forma muito mais académica do que eu) aponta cinco causas para o abandono da consciência social por parte de muitos evangélicos nos últimos 150 anos. (Faço aqui um resumo das suas palavras)

1. Perante o avanço do liberalismo teológico, muitos concentraram-se mais em defender os fundamentos da fé cristã. O que deu origem ao «fundamentalismo». E negligenciaram a dimensão social do Evangelho.
2. Em reação a um «evangelho social» que os teólogos liberais enfatizavam, muitos foram para o outro extremo.
3. Devido ao pessimismo generalizado provocado pela Primeira Guerra Mundial, muitos chegaram à conclusão de que qualquer reforma da sociedade seria inútil.
4. Devido à influência da teoria pré-milenista (J. B. Darby, Scofield e outros). Esta teoria defende que o mundo irá de mal a pior até ao regresso de Cristo; por isso, é inútil procurar a transformação das nações.
5. Houve muitas conversões entre pessoas da classe média, que tendem a defender o *status quo* e, em geral, mostram-se indiferentes perante a situação dos pobres e os problemas sociais.

SÉCULO XX

Mas, graças a Deus, desde a segunda metade do século XX, a igreja evangélica (os «evangélicos») tem vindo, aos poucos, a tomar consciência de que a evangelização e a responsabilidade pela transformação social das nações são dois aspetos indissociáveis da missão da igreja.

Em 1966, a conferência norte-americana sobre as missões no mundo apresentou, por unanimidade, a «Declaração de Wheaton», na qual exortava *«todos os evangélicos a defenderem aberta e firmemente a igualdade racial, a liberdade humana e a justiça social em todas as suas manifestações em todo o mundo»*.

Em 1974, no Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial, foi assinado o Pacto de Lausana, no qual se afirma que *«a evangelização e a ação social e política fazem parte do nosso dever cristão»*. *

Em 1982, realizou-se a Consulta patrocinada pela Aliança Evangélica Mundial e pelo Comité de Lausana. O relatório oficial intitula-se: *A evangelização e a responsabilidade social: compromisso evangélico*.

... O Pacto de Lausana não se refere apenas à «responsabilidade social», mas também à «ação social e política». E isto último suscita uma reação negativa em muitos evangélicos, que afirmam que a igreja não deve intrometer-se na política. Quase todos concordam com as tarefas humanitárias da igreja, especialmente em programas de saúde e educação. No entanto, existem estruturas e sistemas sociais injustos que só podem ser corrigidos através da ação política.

O movimento pentecostal, que registou um grande crescimento numérico no século XX, não demonstrou, em geral, grande interesse pela ação social, em grande parte devido às suas raízes fundamentalistas e à ênfase na «*iminência da segunda vinda de Cristo*».

O movimento carismático ou neopentecostal concentrou-se, na sua maioria, na ênfase aos dons espirituais e à adoração. Alguns, nos últimos 30 anos, desviaram-se para o «evangelho da prosperidade» e para um conceito distorcido do reino de Deus, em termos de domínio, poder, dinheiro, mega-igrejas, grandes espetáculos e a «conquista» das nações. Sem uma visão do reino em termos de serviço, amor ao próximo e redenção.

No entanto, um setor cada vez maior do movimento carismático e da Igreja evangélica em geral tem vindo a despertar e a adquirir uma nova consciência da responsabilidade da Igreja na transformação social das nações.

Na A.F.I., desde o nosso início que enfatizamos a unidade da Igreja, o Reino de Deus, a colegialidade apostólica, a missão da Igreja no mundo e o avanço da Igreja rumo à sua plenitude (qualidade, unidade e quantidade). E, em 2008, no Chile, o tema da nossa Consulta foi: *Reino, Igreja e Sociedade*. Em 2009, na Nigéria, o nosso lema foi: *Transformação: Reino de Deus, Igreja e Sociedade*.

Em 2010, em Itália, Giovanni Traettino afirmou: *Gostaria que trabalhássemos num documento sobre os princípios e valores que deveriam reger as nossas ações ou a nossa abordagem em relação à política... Não creio que sejamos, pelo menos no nosso contexto, capazes de elaborar um documento ou uma proposta sobre um Projeto Socioeconómico. Primeiro, precisaríamos de ter uma Doutrina Social da Igreja, que sirva de base aos projetos socioeconómicos.*

Em 2012, em Itália, Traettino recordou-nos um parágrafo do Pacto de Lausana: *Embora a reconciliação com outras pessoas não seja a mesma que a reconciliação com Deus; nem a ação social, a evangelização; nem a libertação política, a salvação; afirmamos, no entanto, que a evangelização e o compromisso sociopolítico fazem parte do nosso dever cristão. Pois ambas são expressões necessárias das nossas doutrinas sobre Deus e sobre o homem, sobre o amor ao próximo e a obediência a Jesus Cristo. A mensagem de salvação implica também uma mensagem de julgamento sobre toda a forma de alienação, opressão e discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam* (Pacto de Lausana de 1974, sec. 5)

A IGREJA E O ESTADO

Penso que todos concordamos que a Igreja, enquanto instituição, não deve assumir qualquer posição política partidária. A separação entre a Igreja e o Estado tem sido comprovadamente demonstrada ao longo dos 2000 anos da sua história. (Ver nota JH Chile 2008 no final)*

Mas não podemos dizer o mesmo dos membros da igreja na sua qualidade de cidadãos. Quão bom seria para uma nação ter, entre os seus legisladores, governantes e juizes, homens

e mulheres santos, filhos de Deus, com uma elevada qualificação profissional e académica, que colocassem as suas capacidades ao serviço do bem comum. Que bênção seria contar, entre os seus funcionários públicos, com cristãos empenhados no reino de Deus e na sua justiça, cheios do Espírito Santo, com sabedoria, com vocação para o serviço e com ideias claras e inovadoras sobre a vida em sociedade. Precisamos de cristãos bem preparados para atuar em todos os ramos da atividade e do conhecimento da nação e do mundo: políticos, advogados, juristas, economistas, empresários, executivos, cientistas, professores, médicos, comerciantes, industriais, legisladores, juízes, governantes e todos os outros. Seria uma das formas concretas de amar o próximo.

Ao mesmo tempo, devemos ter em conta que vivemos em nações onde existe cada vez mais pluralismo ideológico, étnico e religioso. Por isso, não podemos impor uma teocracia. Nem mesmo Deus o faz. Se, em algum país, alguma vez, nós, cristãos, chegássemos a ser maioria, deveríamos respeitar as minorias. O reino de Deus não é uma imposição, mas sim uma proposta. A nossa força reside em sermos um modelo de vida, de família e de sociedade. A nossa tarefa é ensinar, educar, convencer. Não dominar, mas servir. Ser uma cidade situada sobre uma colina. Temos de ser capazes de demonstrar, com argumentos apologeticos sólidos, que temos a melhor proposta ou alternativa para a sociedade.

Para tal, é indispensável que mudemos a nossa visão do mundo no que diz respeito à responsabilidade da Igreja na transformação das nações. Devemos transmitir uma nova visão aos profissionais e empresários das nossas comunidades nos diferentes países do mundo (especialmente às novas gerações). Devemos começar hoje, para que, daqui a 20, 30 ou 50 anos, possamos ter discípulos santos e muito bem preparados, com uma excelente formação profissional, empenhados e ativos na transformação das nações.

O ESTADO

O homem é um ser social. Realiza-se como pessoa no seio de uma comunidade. Quando a comunidade cresce, deve organizar-se com o objetivo de alcançar uma convivência harmoniosa num quadro de ordem, harmonia, justiça, liberdade e respeito pelos direitos de cada um. Para garantir esta convivência social, é necessário que existam autoridades nas diversas áreas e funções que constituem uma sociedade organizada.

A anarquia impede o desenvolvimento das pessoas e de toda a sociedade. É por isso que a Bíblia diz: *«Que toda a pessoa se submeta às autoridades superiores. Pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus»* (Romanos 13,1). Ao conjunto dessa autoridade chamamos Estado.

Uma nação não é governada por um único indivíduo. Existem milhares e milhares de pessoas em todo o país que constituem o Estado. A partir dos seus diferentes cargos, os funcionários públicos têm o dever de servir os habitantes de uma nação, com vista a alcançar o bem comum. Num governo democrático, o povo elege os seus governantes.

Infelizmente, muitos governantes usam os seus cargos para obter vantagens pessoais. A ambição de poder, a vaidade, a soberba, o egocentrismo e a ganância estão presentes no coração de muitos políticos. A Bíblia diz que: «o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males». A ambição pela riqueza leva-os à corrupção administrativa, ao recebimento de subornos, ao desvio de fundos, à promulgação de leis injustas para favorecer interesses pessoais ou setoriais, etc.

Precisamos, na nação, de leis justas e de homens justos. Além disso, precisamos de um sistema económico justo. «A justiça engrandece a nação, mas o pecado é uma afronta às nações» (Provérbios 14:34). São necessários milhares de homens moralmente virtuosos e profissionalmente competentes para ocupar os diferentes cargos governamentais.

Bem-aventurada a nação cujos governantes são honrados e justos, que encaram a sua posição de autoridade como um lugar de serviço, que amam verdadeiramente o povo e estão ao seu serviço com equidade!

POLÍTICA

EMILIO CASTRO (uruguaio, ex-Secretário-Geral do CMI), no III Congresso Latino-Americano de Evangelização, em Quito, no Equador, em 1992, afirmou:

1. *O evangelho inclui o amor ao próximo. É impossível amar a Deus sem amar o próximo. O amor torna-nos responsáveis pelos nossos próximos. A responsabilidade e a solidariedade, nas sociedades modernas, organizam-se e manifestam-se através das estruturas políticas da sociedade. ... Hoje em dia, não há forma de amar sem nos preocuparmos com a política. Isso não significa que todos tenhamos de ser militantes de um partido político; também aqui há vocações, chamados específicos. ... Mas significa, sim, que todos temos uma responsabilidade coletiva perante o bem comum, e que devemos informar-nos e entrar nessa arena inspirados pelo amor de Deus em Jesus Cristo.*
2. *Não existe um programa político cristão para a sociedade. Esta é a tentação que nos assalta constantemente: criar partidos que se autodenominem cristãos, evangélicos ou evangélicos, pretendendo, desta forma, veicular um projeto de sociedade que tenha a autoridade do Evangelho. ... Aqui, talvez devamos aplicar as comparações de Jesus: fermento, sal no meio da massa, os cristãos a entrar na vida política para influenciar as suas diversas estruturas a partir do seu interior...*
3. *Embora o Evangelho não possa ser reduzido a um programa político, implica, pelo facto de ser a plena manifestação do amor de Deus por toda a Sua criação e por cada uma das Suas criaturas, valores fundamentais que devem ser afirmados ou oferecidos à comunidade quando se procuram alternativas à situação atual. ...*

A política, por um lado, é a arte de viver como uma sociedade organizada. Por outro lado, é a arte de governar. Para tal, são necessárias leis, instituições, uma estrutura de autoridade, administração, um projeto de sociedade e valores. Abrange todos os aspetos da vida em

sociedade. O fundamento universal de toda a sociedade deve ser a igualdade entre todos os homens, a liberdade, o amor ao próximo, a justiça, o respeito pelas autoridades e pelas leis, a solidariedade, a honestidade, etc.

Governar é uma das funções mais nobres e mais necessárias para a convivência social. Governar é um serviço em prol de toda a comunidade. Mas, ao mesmo tempo, é uma das funções que mais se presta à ambição pessoal, ao abuso de poder, à vaidade, à corrupção e à injustiça. Para ser um bom governante, são necessárias duas condições fundamentais: ser uma pessoa íntegra e possuir as competências adequadas para a função específica.

Haverá algo melhor do que os discípulos de Cristo, com uma vida santa e uma elevada qualificação profissional, ocuparem esses cargos de serviço?

ECONOMIA

Atualmente, existe no mundo um grande vazio ideológico: a ausência de uma doutrina social que sirva de base para uma nova proposta socioeconómica. Precisamos de uma nova síntese filosófica da justiça social, uma nova proposta que oriente a macroeconomia para a microeconomia.

Com a revolução industrial e, mais recentemente, com a revolução tecnológica, as riquezas do mundo aumentaram enormemente. No entanto, o fosso entre ricos e pobres é cada vez maior. Precisamos que surja um novo «Karl Marx» ou um «Adam Smith», mas cheio do Espírito Santo e da sabedoria de Deus, para bênção de milhões de famílias de todas as nações. O capitalismo e o socialismo já demonstraram as suas virtudes e os seus grandes defeitos. O mundo precisa de uma proposta que os supere.

Não nos cabe a nós, pastores, elaborar esse projeto para as nações; não somos economistas. Mas a nossa responsabilidade é inspirar, desafiar e transmitir uma nova visão do papel dos cristãos na sociedade. Devemos transmitir aos profissionais e empresários das nossas comunidades, e especialmente às novas gerações, uma nova visão da nossa missão no mundo, motivados pelo amor ao próximo. Devemos encorajá-los a criar círculos de profissionais e desafiá-los a reunir-se para estudar, orar, debater, elaborar e propor ideias. Isto exigirá anos de reflexão e preparação.

Ao mesmo tempo, devemos ter em conta que vivemos em nações onde existe cada vez mais pluralismo ideológico, étnico e religioso. Por isso, não podemos impor uma teocracia. Nem mesmo Deus o faz. Se, em algum país, alguma vez, nós, cristãos, chegássemos a ser maioria, deveríamos respeitar as minorias. O reino de Deus não é uma imposição, mas sim uma proposta. A nossa força reside em sermos um modelo de vida, de família e de sociedade. A nossa tarefa é ensinar, educar, convencer. Não dominar, mas servir. Ser uma cidade situada sobre uma colina. Temos de ser capazes de demonstrar, com argumentos apologeticos, que temos a melhor proposta ou alternativa para a sociedade.

Temos de mudar a nossa visão do mundo no que diz respeito à responsabilidade da Igreja na transformação das nações. Devemos transmitir uma nova visão aos profissionais e empresários das nossas comunidades nos diferentes países do mundo (especialmente às novas gerações). Devemos começar hoje, para que, daqui a 20, 30 ou 50 anos, tenhamos discípulos santos e muito bem preparados, com uma excelente formação profissional, empenhados e ativos na transformação das nações.

OUTRAS ÁREAS DA VIDA EM SOCIEDADE

Mencionei apenas três das áreas da vida nacional. É claro que há muitas mais. É responsabilidade da Igreja, ou dos cristãos, ser luz e iluminar todas as áreas da nossa nação e do mundo.

Além das três já mencionadas, acrescentarei, pelo menos, o título de mais algumas áreas (sem pretender que esta seja uma lista exaustiva)

1. Estado
2. Política
3. Economia
4. Educação
5. Saúde
6. Trabalho
7. Segurança
8. Ciências
9. Artes
10. Comunicações
11. Agricultura
12. Indústrias
13. Artesanato
14. Comércio
15. Comércio externo
16. Relações Internacionais
17. Ambiente
18. Recursos naturais
19. Segurança Social
1. Assistência Social

2. Justiça Social
3. Entretenimento
4. Desporto e atividade física

E assim por diante.

AÇÕES QUE A IGREJA (não enquanto instituição, mas através dos seus membros) PODE ABORDAR GRADUALMENTE

5. Rezar, interceder pela nossa cidade, pela nossa nação e por outras nações. Pelos nossos governantes e por todos os homens.
6. Pregar o evangelho do reino de Deus. Fazer discípulos de todas as nações. Evangelizar com sinais e milagres.
7. Transmitir aos discípulos a visão da missão integral, para que sejam agentes de transformação social.
8. Aumentar o número de discípulos.
9. Fundar comunidades de discípulos (igrejas) em todos os bairros, aldeias e cidades do nosso país e do mundo, com esta visão.
10. Crescer em santidade, integridade, amor ao próximo, serviço, generosidade e com famílias saudáveis e fortes.
11. Procurar a excelência em tudo o que empreendemos.
12. Incentivar os jovens a empenharem-se nos estudos e a adquirirem as competências necessárias para ocupar os cargos mais importantes na sociedade, começando pelos trabalhos mais simples.
13. Desenvolver vocações para o serviço.
14. Identificar as necessidades mais urgentes das pessoas do bairro, da cidade e do país, com o objetivo de iniciar processos para dar resposta a essas necessidades e ir eliminando as causas que as originam.
15. Santificar todas as atividades, profissões e cargos, com a convicção de que tudo o que fazemos é de Deus, por Deus e para Deus.

-
16. Formar grupos homogêneos de profissionais, empresários, comerciantes e políticos, em todas as áreas, para desenvolver ideias, projetos e propostas em benefício da nossa nação. A nível municipal, nacional, regional e mundial.
 17. Alentar la elaboración de propuestas socio-económicas cada vez más justas y de acueem consonância com os valores do reino de Deus. Tanto o capitalismo como o socialismo demonstraram as suas falhas. O mundo precisa de algo novo, inspirado em Deus.
 18. Desenvolver argumentos científicos e apologéticos para dar o nosso contributo em todas as áreas da sociedade.
 19. Investir em serviços sociais e em ação social.
 20. Ensinar ofícios e competências profissionais; ministrar formação em gestão.
 21. Conceder microcréditos a pequenos empreendimentos e acompanhá-los com formação e supervisão.
 22. Abrir escolas e universidades para formar as novas gerações com esta visão.
 23. Criar empresas com o objetivo de gerar postos de trabalho com salários dignos e com possibilidades de crescimento profissional, laboral e económico.
 24. Trabalhar com o governo em todos os âmbitos (municípios, escolas, hospitais, pessoas marginalizadas, toxicodependentes, prisões). Por vezes, o governo dispõe de recursos, mas não conta com pessoas com vocação para o serviço público que possam levar a cabo determinados projetos.
 25. Incentivar os discípulos com vocação política a prepararem-se para servir a Deus e ao próximo numa área específica da sociedade.
 26. Avançar rumo à unidade da Igreja em cada cidade, em cada região, no país, no continente e no mundo.

Se nos unirmos como um só corpo, unindo os nossos ministérios, os nossos recursos, os nossos dons e as nossas congregações em torno de um mesmo objetivo e de uma mesma visão, milhões se converterão. Poderemos ter as melhores escolas, as melhores universidades, as melhores empresas, os melhores meios de comunicação social, os melhores hospitais, os melhores profissionais, os melhores deputados, os melhores governantes, as melhores orquestras... Se colocarmos tudo o que somos e temos ao serviço do nosso próximo e da sociedade, o mundo verá a glória de Deus e conhecerá o Seu amor. E nós, como uma cidade situada sobre um monte, seremos a luz do mundo.

Isaías 2,1-3:

Acontecerá, no fim dos tempos, que será confirmada a montanha da casa de Jeová será como o cume das montanhas e será exaltado acima das colinas, e todos correrão para Ele todas as nações. E virão muitos povos, e dirão: «Vinde, subamos ao monte de Jeová, à casa do Deus de Jacob; e Ele ensinar-nos-á os Seus caminhos, e nós seguiremos os Seus caminhos. Pois de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor.

Habacuque 2,3 e 14:

Embora a visão ainda demore algum tempo, ela aproxima-se rapidamente do fim e não falhará; mesmo que demore, espera por ela, pois sem dúvida virá, não tardará. Porque a terra ficará cheia do conhecimento da glória do Senhor, assim como as águas cobrem o mar.

[NOTA DE RODAPÉ]

*Resumo do tema apresentado por Jorge Himition na Consulta da AFI, 2008, Chile

REINO, IGREJA E SOCIEDADE

Segundo este Salmo 2, o Pai deu ao seu Filho as nações como herança.
Jesus ressuscitado afirmou que lhe foi concedido todo o poder no céu e na terra.

No entanto, em nenhum momento se observa, na missão de Cristo na Terra, qualquer tentativa de ser um rei político. Também não deu qualquer mandamento explícito aos seus discípulos de que eles, como igreja, devessem procurar conquistar as nações através de uma carreira política ou pela força. (Embora entendamos que qualquer discípulo, na sua qualidade de cidadão, possa ser político – no sentido saudável da palavra – e ocupar cargos governamentais num país).

Este foi o caminho que a Igreja seguiu nos primeiros três séculos da sua história. Era uma Igreja perseguida e pobre, mas poderosa em Deus. Nada nem ninguém conseguia impedir o seu crescimento.

Com a conversão de Constantino (ano 311) e a subsequente união da Igreja com o Estado, a Igreja viveu a sua «maior vitória» e, ao mesmo tempo, o início do seu declínio. A Igreja foi perdendo a sua simplicidade, a sua dependência de Deus e, conseqüentemente, a sua espiritualidade. Os valores e as hierarquias mundanas foram-se instalando progressivamente na Igreja: poder, honra, fama, dinheiro, conforto, domínio... Alguns líderes da Igreja acreditavam sinceramente que os reinos deste mundo tinham passado a pertencer ao Senhor e ao seu Cristo...

- Os anabatistas, em reação a uma igreja ligada ao poder temporal, sempre foram claros no que diz respeito à separação entre a igreja e o Estado.

-
- A Igreja Católica, devido aos erros dos séculos passados, tem hoje uma posição mais clara sobre essa separação.
 - A Teologia da Libertação das últimas décadas influenciou um certo setor de teólogos evangélicos e católicos, levando-os a serem bastante ativos na reflexão sobre temas sociais e políticos, mas basicamente com uma orientação anticapitalista.
 - As igrejas de orientação dispensacionalista não desenvolveram qualquer proposta missionológica de transformação social devido à sua abordagem escatológica: a iminência da segunda vinda de Cristo.
 - Muitas das igrejas neopentecostais ou carismáticas, sob a influência do materialismo e da teologia da prosperidade, incorporaram os valores do mundo: fama, poder, riquezas, dinheiro, sucesso, estatuto, posição e até mesmo poder político. Em países onde o número de evangélicos cresceu consideravelmente, há pastores que se candidatam à presidência da nação ou a outros cargos importantes sem terem uma proposta socioeconómica em consonância com os valores do Reino de Deus. E, caso cheguem ao poder, recorrem a receitas que já demonstraram ser um fracasso, quer sejam de tendência capitalista ou socialista.

Na nossa missão integral no mundo, enfrentamos os seguintes desafios:

1. Rezar todos os dias para que venha o Seu reino e seja feita a Sua vontade na terra.
2. Evangelizar e fazer discípulos em todas as nações, batizando-os e ensinando-os a viver de acordo com a vontade de Deus.
3. Trabalhar a nível local e internacional na reflexão teológica e profética para definir de que forma prática a Igreja deve cumprir a sua missão integral e contribuir para a transformação social.
 - Definir a relação entre a Igreja e o Estado
 - Definir os limites da ideologia e da fé
 - Definir a participação dos cristãos na política
 - Trabalhar na construção de uma nova proposta socioeconómica inspirada nos valores do reino de Deus.

Jorge Himítian